



Um Assentamento na caatinga: lugar, representações e identidades

A Settlement in the caatinga: place, representations and identities

Fernando de Souza Cruz¹; Claudivan Santos Guimarães²

Página | 1411

¹Aluno do Mestrado Profissional em Ensino de História na Universidade Federal de Sergipe. Contato: fecruzsp@gmail.com. Janeiro de 2019.

²Aluno do Mestrado Profissional em Ensino de História na Universidade Federal de Sergipe. Contato: claudivan.guimaraes@hotmail.com. Janeiro de 2019.

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 08 de março de 2020; Aceito em: 06 de abril de 2020; publicado em 10 de 01 de 2020. Copyright© Autor, 2020.

RESUMO: Lugar de inspiração para diversas vertentes da cultura popular, a região conhecida como sertão nos remete a representações que por vezes focam em características específicas, que ganham aspectos de generalização de comunidades e identidades diversas: tristeza, penúria, sofrimento, secura, escassez e tantas outras surgem como intrínsecas aos sertanejos e das sertanejas. Mirando o sertanejo do Alto Sertão de Sergipe, que vive no Assentamento Florestan Fernandes, buscaremos especificar em alguns pontos dessa localidade e a presença humana, tendo como foco uma possibilidade de definição no conceito de Lugar referenciados em SANTOS (2008) com ênfase para os seres humanos, para então compreender de que maneira as Identidades pensadas a partir de TÍLIO (2009) se reconfiguram de forma constante e dialética na caatinga de Sergipe.

PALAVRAS-CHAVE: Território, Sertanejo, Memórias.

ABSTRACT: Place of inspiration for different aspects of popular culture, the region known as backland refers us to representations that sometimes focus on specific characteristics, which gain aspects of generalization of diverse communities and identities: sadness, poverty, suffering, dryness, scarcity and so many others appear as intrinsic to the countrymen and the countrywomen. Looking at the countrymen of the high backlands of Sergipe, who lives in the Florestan Fernandes Settlement, we will try to specify in some points of this location and the human presence, focusing on a possibility of definition in the concept of Place referenced in SANTOS (2008) with emphasis on beings human beings, to then understand how the Identities thought from TÍLIO (2009) are constantly and dialectically reconfigured in the caatinga of Sergipe.

KEYWORDS: Territory, Country, Memories.

INTRODUÇÃO

"Meu Deus, meu Deus
Setembro passou
Outubro e novembro
Já tamo em dezembro
Meu Deus, que é de nós
(Meu Deus, meu Deus)
Assim fala o pobre
Do seco nordeste
Com medo da peste
Da fome feroz"
Triste partida - Luiz Gonzaga'

A figura do sertanejo e a imagem do sertão nordestino remetem a duas representações mais comuns na cultura brasileira. A primeira apresenta uma tristeza social, quase que inerente, devido às condições precárias de vida, perceptíveis no cancionário popular e na literatura, como nas canções “Lamento Sertanejo” escrita por Gilberto Gil e Dominginhos, “Asa Branca” e “Triste Partida” de Luiz Gonzaga, ou presente em obras literárias como em “O Quinze” de Raquel de Queiroz ou “Vidas Secas” de Graciliano Ramos.

A segunda representação, que está diretamente atrelada a anterior, é a de escassez de vida devido à limitação de recursos que se apresenta no período das secas. Embora parecidas, trazem características diferentes, pois esta última demonstra ligação a uma questão ambiental, enquanto a primeira está ligada a uma construção psíquica exclusiva dos seres humanos: a tristeza.

Tais representações do sertão se devem em grande parte ao clima semiárido, o qual, a priori, impõe aos sertanejos e às sertanejas uma luta constante pela sobrevivência privando-os de alegrias e oportunidades. Esse olhar sob o sertão ganha eco em grande parte da produção historiográfica que aborda a região, via de regra, com um olhar externo às pessoas que habitam esse bioma, mostrando que a historiografia por muito tempo insistiu em “silenciar” esses sujeitos históricos.

Nesse contexto, esse artigo busca evidenciar o que Peter Burke (1992) denominou como a História dos de baixo, ou a História dos que sempre foram excluídos. Sociedades sertanejas que por vezes são relatadas como possuidoras de uma dificuldade de fala “intrínseca ao ambiente” como mostra o seguinte trecho da canção Lamento

¹Trecho de GONZAGA, Luiz. **A TRISTE PARTIDA VINIL**. Gênero: Música. Gravadora / Produtora: RCA Victor. Data: 1964. Formato: LP. Descrição: VINIL ROTAÇÃO 33 RPM

Sertanejo: “Eu quase não falo, Eu quase não sei de nada, Sou como rês desgarrada, Nessa multidão boiada caminhando a esmo”². Todavia possuem na oralidade a sua base de organização, de transmissão dos conhecimentos, de construção das diversas identidades que as compõem.

Para Meihy (2002, p. 30)

Quando se valoriza a fala como fator decisivo para as análises, questões relativas à memória e à identidade despontam como caminhos indicativos dos exames sociais de todos os grupos. Como o discurso é um bem de todos, democraticamente, o instrumento mais elementar de expressão se presta a se tornar documento.

Assim, no presente estudo, o uso da oralidade como fonte histórica será realizado como objeto na busca de experiências (MEIHY, 2002), dentro de um assentamento localizado no Alto Sertão Sergipano, experiências essas que necessitam de uma compreensão do espaço em que se constroem, bem como da definição de dois conceitos centrais: o de Lugar (SANTOS, 2008) e Identidade (TÍLIO, 2009) os quais permitirão uma possibilidade de imersão nas construções individuais e coletivas do assentamento.

REFERENCIAL TEÓRICO

Um olhar mais acurado e aproximado da situação presente dos habitantes do semiárido nos revela uma realidade eivada de sonhos, projetos e possibilidades, que pulsa conhecimento, vontade e História, subvertendo a visão estereotipada de sofrimento e escassez tão presente nos discursos do senso comum.

O semiárido brasileiro³, principalmente localizado na região Nordeste (Figura 1) abrange dez Estados da Federação, com uma área de 982.566 km². Nesse território, encontra-se o Assentamento Agrário Florestan Fernandes, criado em 09 de abril de 2002, localizado no município de Canindé de São Francisco – SE, na região do Alto

²Trecho de GIL, Gilberto e DOMINGUINHOS. **Lamento sertanejo**. Gênero: Música. Gravadora/Produtora: Philips Records. Data: 1975. Formato: LP, CD. Duração: 37:28min.

³Para definição do semiárido ver “Caracterização do Semiárido brasileiro” disponível em <http://www4.planalto.gov.br/consea/comunicacao/artigos/2014/caracterizacao-do-semiarido-brasileiro-1>. Acessado em 15 de dez. de 2019.

Sertão Sergipano⁴, o que permite a classificação do trabalhador dessa localidade como “camponês sertanejo” (ANTONELLO, 2001).

Tal espaço forma o cenário para nosso estudo que busca, entre outros objetivos, compreender como o sertanejo e a sertaneja se constroem enquanto sujeitos históricos dentro de condições geográficas adversas que somente os viventes dessa realidade conhecem em sua totalidade. Como veremos no decorrer do texto, as parcerias e ações realizadas por terceiros no assentamento, contudo, também propiciam a reflexão, a ressignificação e a afirmação desse espaço, dessa realidade e das próprias pessoas que habitam o local.

Figura 1. Mapa Semiárido Brasileiro.



Fonte: IBGE.

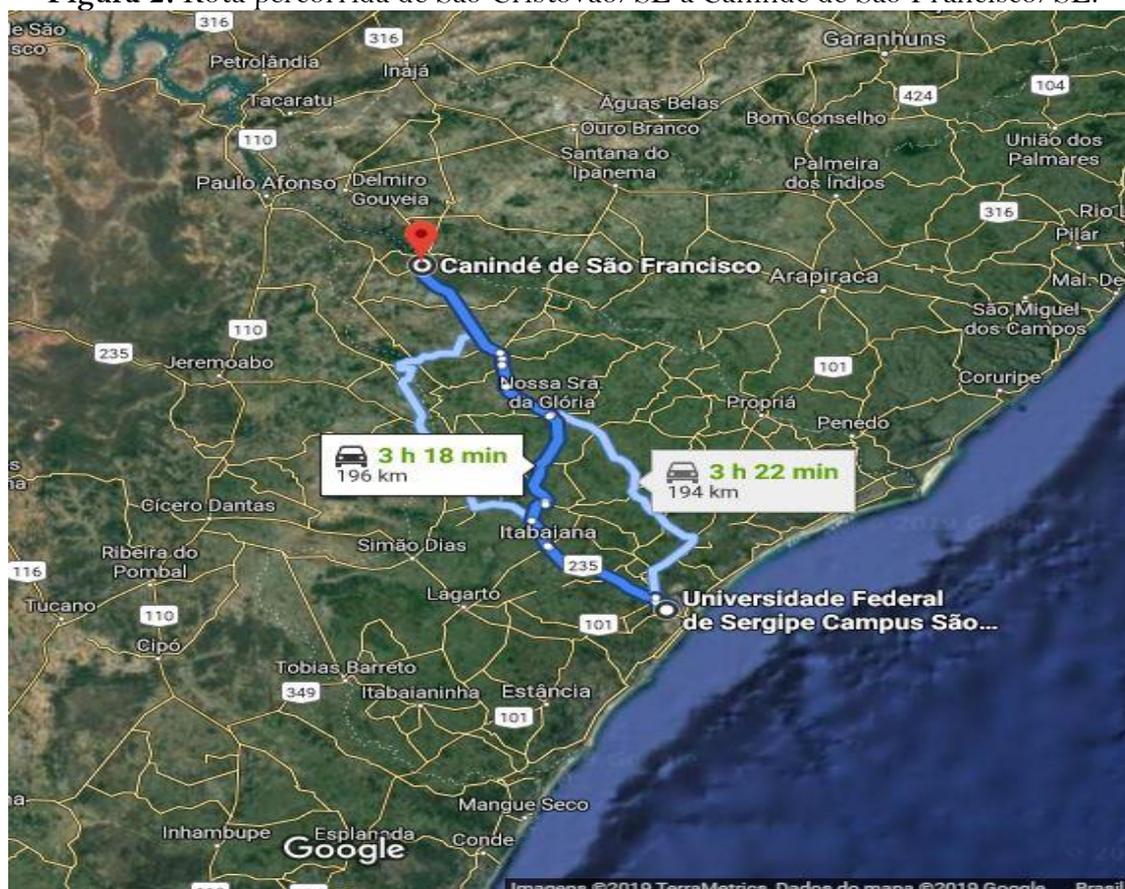
Chegamos ao assentamento através de um estudo do meio proposto na disciplina TÓPICO ESPECIAL EM ENSINO DE HISTÓRIA, ministrada pelo Prof. Dr. Paulo

⁴Para uma discussão detalhada dos processos de luta pelo direito à posse da terra e por políticas de apoio aos assentamentos ver TANEZINI, Theresa Cristina Zavaris. **Territórios em conflito no alto sertão sergipano**. TESE (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão. 2015

Heimar Souto e pelo Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição do Programa Nacional de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe. Como em todo estudo do meio, foi realizado um pré-campo com a leitura de poesias escritas pelos assentados e assentadas lançadas no livro “Cantos e Contos do Florestan”⁵ em 2019, seguido da ida ao meio e de um pós-campo composto por discussão oral e pela produção do presente artigo.

As poesias davam o tom de como os assentados e as assentadas veem o lugar em que vivem, contudo foi durante o trajeto de aproximadamente quatro horas (ver figura 2) entre as cidades de São Cristóvão e Canindé de São Francisco que tais poesias foram ganhando materialidade. O deslocamento rodoviário realizado em um micro-ônibus da Universidade permitiu o traslado enquanto observador, e como tal, chamou-nos a atenção pela transição de ecossistemas no Estado de Sergipe.

Figura 2. Rota percorrida de São Cristóvão/SE à Canindé de São Francisco/SE.



Fonte: Google Maps.

⁵ ACLAS. *Cantos e Contos do Florestan*. Editora ACLAS. 2019

Da zona da mata até o semiárido, há uma mudança na vegetação transformada quase que por completo pelo trabalho humano, o que nos revela superficialmente o uso econômico da terra e as características agropecuárias. Saindo dos verdes dos canaviais e pastos que resistem devido ao “bom inverno” de 2019 (estação com alto índice de pluviosidade) característicos da região de Itabaiana, nos deparamos a partir do município de Nossa Sra. Aparecida com uma mudança da vegetação: a *secura* atinge os olhos através dos pastos áridos, a terra possui uma coloração arenosa que aumenta a sensação de sequidade.

Todavia, pouco se pode perceber das vegetações originais da caatinga, alguns *mandacarus* resistem às secas e as *juremas* já aparecem completamente desfolhadas. O verde agora aparece somente como pontos distantes nos *juazeiros* com suas folhas novas, nos *cajueiros*, nos *paus-ferros*, nas *aroeiras* e nos *umbuzeiros*. Em Canindé de São Francisco, a seca aparece com toda sua força, excetuando as pequenas propriedades irrigadas localizadas às margens da rodovia estadual SE-230. Fora do transporte a percepção visual é somada à sensorial sob uma temperatura de 37° C e a uma baixa umidade. Por enquanto, é impossível discordar das canções e dos livros de que a vida do sertanejo é realmente dura, muito em parte, devido às condições naturais.

A chegada ao assentamento à primeira vista corrobora com a descrição de Antonello sobre as características do trabalho camponês no Estado de Sergipe:

A atuação do poder estadual foi direcionada com o objetivo de manter e mesmo ampliar a produção agrícola baseada na mão de obra do grupo familiar. Isso cristalizou-se na implantação de assentamentos de produtores, que não alteraram profundamente a realidade do processo produtivo camponês. (ANTONELLO, 2001, p. 131).

A mesma autora especifica ainda mais a condição do trabalhador rural que vive no alto sertão sergipano, o “camponês sertanejo” além do trabalho concreto (trabalho como garantia de existência) de base familiar, enfrenta a migração sazonal em busca de trabalho temporário no período das secas. Para Antonello (2001) tal migração em sua maioria é realizada pelos provedores das famílias tomando como ponto de análise o sistema de produção patriarcal no qual os homens são os principais responsáveis pelo sustento das famílias.

Em tais condições, encontramos o Assentamento Florestan Fernandes, recepcionados por jovens e mulheres que informaram a ausência dos pais devido à falta de trabalho no período da seca, corroborando com a análise supracitada. Segundo

B.F.C.A, colaboradora externa do assentamento, e colaboradora de nosso artigo mediante relato oral, quando questionada sobre sua visão a respeito do modo de vida em uma comunidade rural, descreve como essa relação de migração sazonal resulta em dificuldades, principalmente para os mais jovens

É difícil porque as crianças elas têm que amadurecer muito, tem que amadurecer muito cedo né, porque tem muitas responsabilidades aplicadas, como eu estava dizendo os pais saem e fica a responsabilidade da casa, responsabilidades essas que se forem dadas para os jovens nas cidades existem implicações legais aí né. (B.F.C.A. Entrevista aos autores em 23/11/2019).

Tais percalços estão presentes no relatório produzido pelo INCRA – SE em 2006 que caracteriza a região específica do assentamento como “Sequeiro Degradado”, uma região com poucos recursos de água potável, com muitos latifúndios e assentamentos. Nesse relatório estão descritas, a partir de uma visão técnica e de um olhar externo, as potencialidades e limitações características do Sequeiro Degradado⁶, no qual podem-se observar muito mais limitações do que potencialidades, nos chamam atenção dois pontos: “Produção de insumos naturais; Oferta de matéria-prima pela vegetação nativa (mel, plantas medicinais e frutos)” (INCRA, 2008, p. 239).

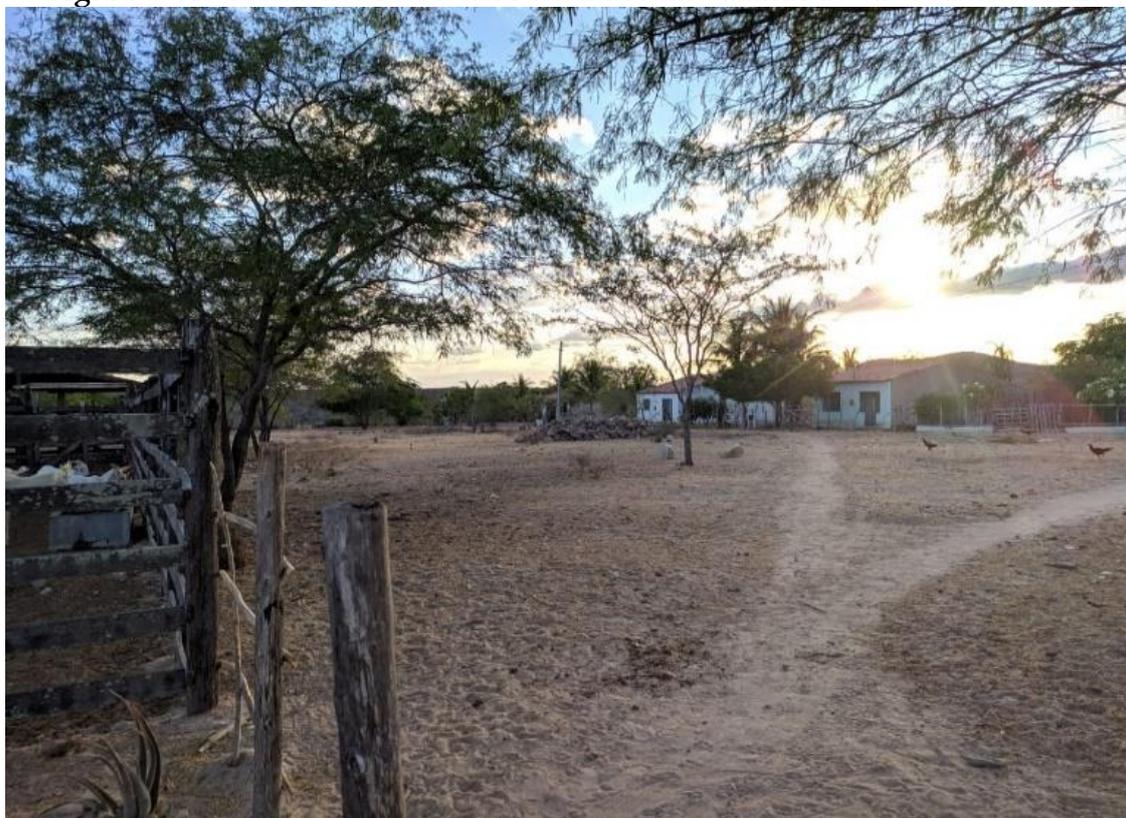
Esses tópicos aparecem como uma opção extrativista do ponto de vista da agricultura tradicional comum ao camponês sertanejo, excluindo de tal relatório as visões e o conhecimento ancestral de grande parte dos assentados e assentadas sobre o território que lhes propicia a sobrevivência. Todavia, se pensarmos na questão espaço x tempo, nosso planeta pede soluções criativas para a economia e para o meio ambiente, assim, o conhecimento dos e das habitantes do bioma aliado à ação de colaboradores externos e de parcerias institucionais vem trazendo para os assentados e assentadas, principalmente jovens e mulheres, fontes de renda alternativas às tradicionais.

A ação de agentes externos em comunidades agrárias, como assentamentos e comunidades quilombolas, por exemplo, por vezes pode significar invasão, imposição de soluções mirabolantes sem considerar a constituição do Lugar. Segundo Milton Santos (2008) o Lugar é definido por sua existência corpórea e por sua existência relacional, sendo tais aspectos os que diferenciam os subespaços uns dos outros, logo, um agente externo pode fazer parte do lugar sem necessariamente viver nele, desde que seja construída uma existência relacional. Santos segue definindo o Lugar e elenca três

⁶ Ver tabela “Zona 2: Sequeiro Degradado” (INCRA, 2008).

elementos essenciais: “a densidade técnica, a densidade informacional e a densidade comunicacional, cujo a fusão os caracteriza e distingue.” (SANTOS, 2008, p. 160)

Figura 3. Assentamento Florestan Fernandes em Canindé de São Francisco/SE.



Fonte: Fernando de Souza Cruz.

As duas primeiras características são quase ausentes no assentamento, cuja tecnologia e velocidade informacional ainda chegam timidamente, visto a dificuldade em obter sinal para telefonia móvel no período em que lá estivemos. A densidade informacional do capital quando chega ao assentamento vem cheia de verticalidade, a qual não leva em consideração o entorno e os saberes locais. Para nós a *densidade comunicacional* se aplica à formação do assentamento enquanto Lugar e a construção de práticas com colaboradores externos devido ao fato de ela ser produzida a partir do tempo da ação humana

Esse tempo plural do cotidiano partilhado é o tempo conflitual da co-presença. Como lugar do acontecer solidário, homólogo ou complementar, o lugar é esse *espaço banal* da geografia (e não o espaço do economista ou do antropólogo ou mesmo do psicanalista ou mesmo do arquiteto ou do filósofo), criador da solidariedade e da interdependência obrigatória geradas pelas situações cara a cara, pois é essencial para esse resultado que você e eu tenhamos o mesmo entorno. (SANTOS, 2008, p. 160)

Assim, a ação de agentes externos muito mais do que uma intervenção técnica, deve ser uma ação voltada para auxiliar os assentados e as assentadas a compreensão do mundo a partir do Lugar.

O mundo, nas condições atuais, visto como um todo, é nosso estranho. O lugar, nosso próximo, restitui-nos no mundo: se este pode se esconder pela sua essência, não pode fazê-lo pela sua existência. No lugar, estamos condenados a conhecer o mundo pelo que ele já é, mas, também, pelo que ainda não é. O futuro e não o passado torna-se nossa âncora. (SANTOS, 2008, p. 163)

Essa redefinição do Lugar que engloba a interação com colaboradores e colaborados externos tem permitido aos assentados e as assentadas do Florestan Fernandes novas práticas e significações econômicas e políticas, pois há uma tentativa de compreender, respeitar e preservar o entorno. Uma dessas práticas é o trabalho realizado a partir da educação arqueológica, coadunado à região que é repleta de sítios arqueológicos. Os assentados e assentadas são levados ao conhecimento da ocupação humana na Terra, problematizando e trazendo quais as implicações e possibilidades – inclusive econômicas – de preservação desses sítios na atualidade, ampliando e diversificando a cadeia produtiva descrita pelo INCRA em seu relatório, e ressignificando em partes a lógica do camponês sertanejo do alto sertão sergipano. A natureza e o conhecimento histórico são levadas como formas de somar às práticas socioambientais existentes outros conceitos e novas possibilidades, utilizando a caatinga, a pré-História e a História da ocupação do semiárido como ponto chave para a afirmação de identidades, quase sempre igualadas e vistas como o solo rachado da caatinga seca.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A pesquisa delineada utilizou do método da história oral para revelar memórias sobre o Assentamento Florestan Fernandes, através de entrevista com B.F.C.A. A realização da entrevista ocorreu em 23 de novembro de 2019, antecipada da devida apresentação de roteiro de entrevista com 10 perguntas abertas ao orientador da disciplina de Tópicos Especiais de Ensino de História do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe. Durante a entrevista foi possível estender o diálogo para aprofundamento de temas pontuados no

roteiro e assim revelar a memória da entrevistada. Na fase de transcrição foi realizada a devolutiva a entrevistada, a qual autorizou a veiculação das memórias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estigma provocado ao longo do tempo para o sertão nordestino fortaleceu o discurso da pobreza e do acanhamento, atribuindo representações deslocadas do real para estes povos do interior do Brasil. Certamente, há mais neste lugar para evidenciar do que a falta de água, mais do que a imagem de dor e tristeza da “Asa Branca” de Luiz Gonzaga, a qual se tornou em tempos remotos frenesi poético sobre quem são os sujeitos deste lugar, um espelho refletindo a imagem turva destes. São, então, estigmas tribais que delineiam grupos sociais em razão de sua condição ambiental, do lugar, da etnia e da religião, não é esta uma visão ampla do que sejam socialmente os indivíduos, esta característica surge do distanciamento da real imagem: por traz da turbidez imposta, os grupos sociais revelam o que são. (BERLATTO, 2009)

Um dos pontos chave é a afirmação de pertencimento do lugar das primeiras ocupações humanas no extremo sertão sergipano, áreas próximas às margens do Rio São Francisco, na região conhecida como Xingó. Quando a construção da Barragem da Hidrelétrica de Xingó foi realizada, no início da década de 1990, foram identificados em uma primeira etapa 56 sítios arqueológicos, sejam de assentamentos pré-históricos ou de registros de pinturas rupestres. Posteriormente, estes números passaram para mais de 200. (JESUS, 2014).

Esta narrativa da ocupação humana possibilita pender nosso discurso para o processo de construção das identidades neste ambiente, trazendo à luz as referências sociais que permitem aos habitantes do Assentamento Florestan Fernandes se encontrarem dentro do espaço-tempo e se desenvolverem.

No cenário social que se revela, as identidades são produto de uma construção anterior ao próprio Assentamento Agrário, já que os assentados, muitas vezes, não pertencem originalmente ao lugar.

B. F.C.A pontua que “a gente tem uma população que é de fora e que nasceu em condições muito complicadas”, muitas vezes somadas às populações do lugar, outros sujeitos são incorporados edificando a partir de então outros modos de vida num mesmo espaço social. O que permite que as diferenças de origem sejam minimizadas são os

elementos em comum que os grupos passam a fomentar: as identidades, sendo muitas e flexíveis de acordo com fatores como tempo, ambiente, cultura, economia. Para o Assentamento Florestan Fernandes, são identidades sociais forjadas também por aquilo que é próprio do lugar, sua história ou melhor “sua” pré-história.

Mesmo a pré-história de Xingó, distanciando-se a aproximadamente 9.000 anos do presente, os camponeses do sertão são convidados a ver sua identidade delineada também pelos constructos históricos, sejam dos habitantes originários da comunidade ou não, da dinâmica identitária que os coloca na condição de tornar-se sujeitos que pertencem a esta realidade e de ressignifica-la de acordo com suas necessidades sociais.

Para isto, faz-se saber, segundo Pollak que identidade pode ser conceituada na perspectiva da “percepção de si mesmo e do outro para si” (POLLAK, 1992, p. 5), no pertencimento de um grupo pela imagem que deseja ser visto, como se quer ser percebido, construída pela unidade física, na coerência e continuidade.

No Assentamento Florestan Fernandes, atentamos que as identidades se revelam também nas questões territoriais que dão unidade às pessoas, à caatinga, ao sertão, ao Rio São Francisco. Dentro dessa lógica até o que é distinto aos sujeitos, como suas representações modificam-se, mas outras permanecem paralelas às alterações naturais.

Para Tílio “as identidades sociais emergem das várias práticas sociais e/ou discursivas das quais os indivíduos fazem parte (raça, etnia, idade, classe social, gênero, sexualidade e etc.)” (TÍLIO, 2009, p. 112) Os elementos revelados que caracterizam as identidades, são dispostos em suas categorias conceituais territoriais, culturais, históricas, sociais e outras, permitindo que identidades, no plural, sejam desmembradas e se particularizem de acordo com cada particularidade, uma vez que as representações identitárias são dinâmicas e por isto mesmo múltiplas são as possibilidades de apresentar a imagem dos grupos humanos. Ocorre que os mesmos sujeitos possuem várias identidades e estas até podem ser contraditórias.

Não se preocupando em analisar uma em descompasso da outra, este artigo caminha por muitos instrumentos identitários, caracterizados pelo discurso, pelo modo de viver na comunidade, pelos gostos e desgostos sociais, pelo fazer artesanato, que na fala de B.F.C.A. põe a comunidade do Florestan Fernandes em privilégio para uso destas identidades em seu desenvolvimento. Trata-se de uma identidade do Outro, pois a oralidade aqui transmitida não é de alguém da comunidade, mas que foi ao seu encontro, expresso em “eu tive esse retorno e agora nesse momento quando eu vim aqui que eu senti o cheiro do curral como se eu, se eu, é cheiro de infância sabe? Isso não é cheiro,

um cheiro ruim, cheiro disso é cheiro bom sabe” (B. F.C.A, 2019). Para a entrevistada, ir ao campo novamente é se encontrar com suas próprias memórias, é ativar a identidade que projeta sobre o campo, determinante para seu relacionamento com o local.

Relação que compõe a construção de uma identidade referenciada pelo outro. B. F.C.A não é da comunidade de Florestan Fernandes, tão pouco é campesina, mas para ter esta relação buscou em sua memória nexos sensoriais entre o espaço já conhecido, estabelecido pelo cheiro do curral, vivenciado em sua infância. Sem este elemento, a identidade que posicionou sobre o campo, sua diferença com o mundo urbano, a condição de aceitabilidade para com a identidade externa seria fragilizada (POLLAK, 1992). Posicionar-se em relação ao outro é encontrar pontos inter-relacionáveis entre o sujeito e o grupo social, principalmente quando o indivíduo não pertence territorialmente a este, provocando assim a aceitação do que o outro é.

Para os assentados, o lugar determina muito daquilo que são, uma vez que ambientalmente as limitações que podem ser vistas pelos de fora como grande impasse à sobrevivência humana, tal qual a falta de água, por ser uma região de calor intenso, cuja vegetação adaptativa, é a prova da resistência da natureza a ela própria. São nestes aparentes limites que desenvolvem a identidade territorial, pois os camponeses mantêm forte relação com o espaço vivido, pelo local se concretiza o pertencimento ao lugar, pela territorialização se reforça a identidade de ser do campo, convivendo com a natureza da seca do sertão nordestino, a estrutura identitária nesta categoria é de integração entre os grupos sociais e o ambiente (POLLICE, 2010).

Reconhecer a que lugar pertence e sua relação com ele é para os assentados do Florestan determinante para romper com as possíveis imagens estigmatizadas sobre si mesmos, sobre seu meio e dessa maneira fazer construir representações contraditórias a discursos externos à comunidade.

Pelo pertencimento, a entrevistada utiliza da representação histórica e territorial, ou seja, que o assentamento está inserido na trilha de sítios arqueológicos, que é uma comunidade rural de assentados cujas atividades econômicas não são contínuas em todo o período do ano por conta da escassez de chuva para o cultivo agrícola e usa destas características para ir ao encontro da comunidade propondo que se faça uso dessas categorias para desenvolver pelas condições próprias do lugar instrumentos de posicionamento identitário.

Revelando que “a expectativa é poder inserir as pessoas que estão aqui no entorno desses sítios, nessa cadeia produtiva do turismo, dá uma forma de renda para

que elas enxerguem, enxerguem o patrimônio” (B.F.C.A, 2019) a intencionalidade é usar das identidades do lugar para promover ações que firmem suas representações para com o outro. A receptividade das pessoas do lugar fez com que a entrevistada tenha buscado a comunidade. Considerando o que afirma Michel Pollak “a memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa.” (POLLAK, 1992, p. 4). Para além da identidade coletiva, as identidades individuais são fomentadoras da memória que se tem sobre si mesmas e de certo sobre o coletivo, funcionando como suporte de coerência, a partir de vários elementos que formam o indivíduo.

As ações que se concretizam na comunidade estão ligadas pela relação entre os sujeitos e suas múltiplas identidades, tal qual a entrevistada na sua intervenção social, que desenvolve com os assentados, de faixa etária diferente, mas com prevalência de jovens, usando a arqueologia como instrumento de ressignificação histórica e social do lugar. Trata-se de um trabalho de olhar o ambiente e a partir dele dar sentido, dar significado ao que se possui.

Na memória exposta, “tem produtos, eles estão desenvolvendo aqui, desenvolvendo bijuterias, chaveiros, objetos de decoração feitos em madeira, feitos em pedra.” (B.F.C.A, 2019) esta prática interventiva está para a entrevistada apoiando que a identidade seja uma ferramenta para o desenvolvimento do lugar. Para muitos da comunidade, é uma oportunidade de alternativa econômica pois pode incrementar a renda, mas também tem um valor mais subjetivo, pois as faz refletir sobre quem são e como podem transformar suas realidades.

A reflexão acontece no contato mais próximo dos grupos de trabalho no assentamento, pois aproveita-se o que está disponível para ressignificar,

Eles usam madeiras que se encontram aí na hora, que encontram na caatinga, utilizam pedras também, pedras de locais onde pode pegar, porque dentro da reserva não pode pegar nem as pedras. Então nós vamos dando ideias e dentro do que eles podem fazer, eles vão fazer. (B.F.C.A. Entrevista aos autores em 23/11/2019).

Ao mesmo tempo que há um posicionamento da identidade construída pelos elementos do lugar, na madeira da caatinga, nas pedras, com a projeção do que um dia grupos humanos foram, há a reprodução das pinturas rupestres dos sítios arqueológicos.

É nesta reflexão uma ação de contato entre as identidades do passado e do presente que influenciadas pelo seu tempo são feitas releituras a partir da categoria cultural.

Culturalmente, o lugar diz muito de si, esta narrativa fundamenta que pela identidade cultural é possível se reconhecer e conhecer aos demais. De acordo com Tílio “as identidades culturais, enquanto parte integrante das identidades sociais, também são múltiplas, fragmentadas, contraditórias e fluidas” (TÍLIO, 2009, p. 117). Como componente da identidade social, muitos indivíduos podem estar em uma cultura e não pertencerem a mesma identidade.

A estratégia usada para o Assentamento Florestan Fernandes, no entanto, é o encontro, estas diversas identidades que pela cultura material e imaterial disponível servem de sustentação para construção do sentimento identitário, favorecem a dimensão de que na própria comunidade há tecnologias possíveis para o autoconhecimento. Serve de amostra desta percepção, a reflexão a seguir de B.F.C.A.

A história dos nossos povos, dos primeiros habitantes aqui do Brasil, elas foram, ela foi renegada né? Dizer que índio faz cesta, faz vasilhame, é, e são as mulheres que fazem cestaria e pesca, assim, é como se fosse um bolo só e o que acontece com isso parece que tudo que é maravilhoso veio de fora sendo que a gente, a gente tem tudo aqui, tecnologia maravilhosa, o ser humano vivendo num ambiente difícil desse, sobreviver a 9000 anos atrás estava aqui caminhando, utilizando o rio, utilizando e criando suas técnicas sabe, e promovendo cultura com seus rituais, com a cultura material maravilhosa, isso dá identidade para essas pessoas, ela não precisa pegar nada da Europa, precisa pegar nada dos Estados Unidos, elas, as pessoas têm as coisas aqui. (Entrevista aos autores em 23/11/2019).

O sentido cultural do elemento histórico da comunidade reforça que seu desenvolvimento está intimamente relacionado ao que foi, não é possível descartar sua história e por isso olhar para o interior de si, dos grupos anteriores, de interpretar o que foram é válido para conhecer o que se deseja ser.

As tecnologias de 9000 anos atrás clareiam quem foram estes indivíduos e ajudam a elaborar as identidades da comunidade do Florestan, seja pelo contato com sítios arqueológicos, pela interpretação de artefatos, pela significação de um presente mediado pelas experiências anteriores. O relato acima define que a perspectiva do outro sobre o que somos adiciona a nossa própria definição identitária, o que está fora de si, distante espacialmente, serve de referência, embora não seja o ponto crucial. Contudo informa muito do que somos, de como é vista e pode ser vista a comunidade do Florestan Fernandes, seguindo Castells (1999) o exercício de fomento às identidades serve também de resistência a outras identidades.

O sentido de desenvolvimento pelas identidades é na utilização dos instrumentos de pertencimento, de conhecimento histórico, de aceitabilidade, de oportunidades criativas no lugar para fazer os grupos refletirem sobre quem são e como devem construir perspectivas de vida para além do que são. Saber recorrer, então, a suas representações sociais para posicionar-se diante do outro que impõe certas vezes um discurso de legitimação e que afasta a multiplicidade identitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações sobre o sertanejo, por vezes aparecem carregadas de estereótipos que pouco dizem sobre a sua essência, suas características físicas e naturais. São em demasia associadas à sua própria natureza humana, esquecendo-se os difusores deste estigma que há mais na vida sertaneja do que a *secura do sertão*, a intermitência da vida campesina que enfrentam diariamente e a difícil tarefa de resistir.

Ora, essa então seria para sua condição natural a força essencial, a sobrevivência sertaneja, a resistência, não como sofrimento ou como murmúrio na crise hídrica que assola, mas na figura representada pelos sertanejos que mesmo diante de tantas limitações geográficas permanecem em pé, munidos de força enraizada no sentimento de pertença ao seu lugar, que definem o seu jeito de ser e suas identidades.

A descrição do Lugar, às margens do Rio São Francisco, no semiárido brasileiro, extremo norte sergipano, denota que a natureza é caracterizada pela aridez e, por isso, a escassez hídrica edificou modos de vida adaptativos a esta condição como a produção agrícola que não acontece em todos os períodos do ano, a migração temporária do sertanejo para outras cidades e estados, somadas ao uso da própria vegetação da caatinga para o alimento animal e humano são formas encontradas pelos camponeses do lugar para sobrevivência.

No cenário de Xingó, em que se localiza o Assentamento Florestan Fernandes e as comunidades vizinhas em Canindé de São Francisco nos arredores de sítios arqueológicos, o aspecto histórico soma às formas de resistência sertaneja possibilidades de resistir e posicionar-se.

O posicionamento referido está na afirmação de ser da comunidade Florestan Fernandes, rompendo com ideias externas de sofrimento e de pobreza, de ir ao desencontro de discursos estereotipados e para tanto afirmar que o sertanejo do

Florestan Fernandes se desenvolve na construção social da própria comunidade, ainda recente de formação, mas que encontra no passado histórico dos lugares de Xingó elementos relacionáveis, tal qual a vegetação, as pinturas rupestres, as trilhas ecológicas por eles criadas, e que estes são instrumentos que servem para transpor ao outro suas identidades.

Na entrevista realizada com B.F.C.A, perceberam-se as memórias do campo e da vida reveladas na metodologia da história oral como meios para ir ao encontro da comunidade e a partir da disponibilidade instrumental identitária, como os sítios arqueológicos e a vegetação, intervir no processo de significação desta identidade, possuída, mas não revelada.

O trabalho em processo de realização com jovens (maioria) da comunidade favorece o desenvolvimento do lugar através de suas representações, pelo artesanato em pedraria ou com o uso sustentável da vegetação que reproduz a arte rupestre e a ressignifica dando uso social e econômico para as categorias de identidade do Assentamento Florestan Fernandes.

REFERÊNCIAS

1. ANTONELLO, Ideni Terezinha. *A metamorfose do trabalho e a mutação do Camponato*. São Cristóvão, SE. NPGEO, UFS, 2001.
2. BERLATTO, Odir. *A construção da identidade social*. Revista do Curso de Direito da FSG, Ano 3, n. 5, p. 141-151, jan-jun. 2009. Disponível em:
3. <<http://ojs.fsg.br/index.php/direito/article/view/242>> Acesso em: 09 jan. 2020.
4. B.F.C.A. *Entrevista concedida a Fernando de Souza Cruz e Claudivan Santos Guimarães*. Canindé de São Francisco-Sergipe, 23 nov. 2019.
5. BRASIL. *Desenvolvimento Territorial no Alto Sertão Sergipano: diagnóstico, assentamentos de reforma agrária e propostas de política*. INCRA-SE. Aracaju, 2006. Disponível em: <http://sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs_territorio008.pdf> Acesso em 15 dez. 2019.
6. CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

7. JESUS, Layra Blenda Oliveira de. *Um som no Justino*. 2014. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) - Departamento de Arqueologia, Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2014.
8. MEIHY, J. C. S. B. *Manual de História Oral*. 4. ed. São Paulo, 2002.
9. POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em:
10. <<http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>> Acesso em 09 jan. 2020.
11. POLLICE, Fabio. *O papel da identidade territorial nos processos de desenvolvimento local*. **Espaço e Cultura**, [S.l.], n. 27, p. 7-24, jun. 2010. ISSN 2317-4161. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3539/2461>>. Acesso em: 09 jan. 2020.
12. SANTOS, Milton. *Da Totalidade ao Lugar*. São Paulo. EDUSP. 2008
13. TÍLIO, Rogério. *Reflexões acerca do conceito de identidade*. Revista Acadêmica do Instituto de Humanidades, vol. 8, n. 29, p. 109-118, abr-jun. 2009. ISSN 1678-3182. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/view/529/530>>. Acesso em: 09 jan. 2020.